

A reduplicação no papiamentu *Reduplication in Papiamentu*

Manuele Bandeira

Universidade de São Paulo/CNPq, Brasil
manuelebandeira@usp.br

Shirley Freitas

Universidade de São Paulo/FAPESP, Brasil
shirleyfreitas@usp.br

Abstract: Reduplication is a morpho-phonological process consisting of word repetition (in part or in whole) in order to convey new lexical content (cf. Kager 1999). Given its recurrence in many languages, this article analyses reduplication in Papiamentu, a Portuguese-based Creole language spoken on the islands of Aruba, Bonaire, Curaçao, Saba, St Eustatius and Saint Maarten. As a *corpus*, an English-Papiamentu bilingual dictionary was used, with emphasis placed on cases of true reduplication, that is, cases in which the reduplicated part exists independently, with a relation of sense between the parts: such as in *lenchi* ‘to walk slowly, in a staggering manner’ and *lenchi-lenchi* ‘slow’. The data analysis shows that bases with different syllabic patterns can be reduplicated, suggesting that McCarthy and Prince’s (1986) theory of prosodic templates is the most suitable theory to explain the data. In relation to the functions able to be performed by reduplications (cf. Kouwenberg & Murray 1994), it was observed that intensification and speciation are highly recurrent. Consequently, this study defends the constant presence of reduplication in Papiamentu, and shows that various functions can be associated with this process.

Keywords: Papiamentu; Reduplication; Real reduplication.

Resumo: A reduplicação é um processo morfofonológico que consiste na repetição de uma palavra (em parte ou seu todo) para veicular novos conteúdos lexicais (cf. Kager 1999). Dada sua recorrência nas línguas, este artigo objetiva analisar a reduplicação no papiamentu, língua crioula de base portuguesa falada nas ilhas de Aruba, Bonaire, Curaçao, Saba, São Eustáquio e São Martinho. Como corpus, utilizou-se um dicionário bilingue inglês-papiamentu e a ênfase recaiu nos casos de reduplicação verdadeira, isto é, casos nos quais a parte reduplicada existe como forma independente, havendo uma relação de sentido entre elas: como em *lenchi* ‘caminhar de forma lenta, cambaleante’ e *lenchi-lenchi* ‘lento’. A análise dos dados mostrou que bases de diferentes padrões silábicos podem ser reduplicadas, o que sugere que a teoria dos templates prosódicos de McCarthy e Prince (1986) é a mais adequada para explicar os dados. Já sobre as funções que a reduplicação pode desempenhar (cf. Kouwemberg & Murray 1994), notou-se que a intensificação e a especiação são muito recorrentes. Assim sendo, este estudo defende a presença constante da reduplicação no papiamentu e mostra que diversas funções podem ser associadas a este processo.

Palavras-chave: Reduplicação, Papiamentu, Reduplicação verdadeira.

1 Introdução

Os processos de *reduplicação* são objeto de estudo em diversas línguas sob diferentes perspectivas teóricas (cf. Hurch 2005, Kouwemberg 2003 para exemplos de reduplicação em línguas pidgins, crioulas e em contato). Em linhas gerais, a reduplicação é um processo morfofonológico que consiste em repetir parte ou o todo de uma palavra, com o intuito de criar distinção lexical. Esse processo apresenta as características gerais em (1) (cf. Kager 1999):

- (1) a. *forma prosódica invariante*: não há uma relação de um para um com uma unidade prosódica na base;
- b. *não marcação*: os reduplicantes tendem a ter uma estrutura fonológica não marcada;

- c. *identidade*: há uma tendência de o reduplicante preservar uma identidade fonológica com a base.

Assim, o presente trabalho tem por objetivo discutir o fenômeno da reduplicação no papiamentu, uma língua crioula falada na região do Caribe, América Central. A atenção está voltada somente para os casos de reduplicação verdadeira, isto é, exemplos em que as partes reduplicadas têm uma existência independente (as formas não-reduplicadas existem), havendo uma funcionalidade para o fenômeno de reduplicação. Tal estudo mostra-se relevante na medida em que enfoca uma língua crioula até então pouco estudada, permitindo que se conheça um aspecto relevante de sua gramática. Ademais, conhecer como se dá a reduplicação em papiamentu nos permite fazer comparações com outras línguas crioulas conhecidas e generalizações a respeito das mesmas.

O trabalho encontra-se dividido em três partes. Logo após esta introdução, a **seção 2** destina-se à descrição de aspectos gerais do papiamentu. Em seguida, na **seção 3**, será feito um apanhado geral de algumas teorias que tratam do fenômeno de reduplicação, discutindo suas características mais relevantes. Por fim, a **seção 4** apresenta uma análise dos dados do papiamentu.

2 O papiamentu

O papiamentu é uma língua crioula falada nas ilhas de Aruba, Bonaire, Curaçao (ilhas ABC), Saba, Saint Eustatius (São Eustáquio) e Saint Maarten (São Martinho). A Holanda foi a responsável pela colonização dessas ilhas, as quais se tornaram, no passado, entrepostos de escravos. O papiamentu é a língua oficial, juntamente com o holandês, em Aruba, Bonaire e Curaçao; e com o holandês e o inglês, em Saba, Saint Eustatius e Saint Maarten. Ele é também uma das línguas oficiais da Holanda, ao lado do holandês, do inglês e do frísio, sendo este o único país da Europa que tem como língua oficial uma língua crioula. Além disso, diferente de outras línguas crioulas, como o santome (língua crioula de base portuguesa falada em São Tomé), goza de grande prestígio, sendo usado por todas as classes sociais¹ e se fazendo cada vez mais presente nos meios de comunicação (cf. Holm 2000): há jornais diários, canais de televisão e emissoras de rádio (em cada uma das ilhas e com grande popularidade) em papiamentu. Essa língua, possui uma longa tradição escrita, e é também usada na escolarização, havendo uma grande mobilização no sentido de dar às crianças uma alfabetização bilíngue: em holandês e em papiamentu.

¹“Although all groups speak Papiamentu today, there is still a significant correlation between ethnic group, religion and prestige language.” (Holm 2000: 78)

3 Reduplicação

A reduplicação consiste na repetição de elementos de uma palavra, podendo ser parcial (apenas parte da palavra é reduplicada) ou total (a palavra inteira é reduplicada) com o objetivo de criação morfológica. Deve-se distinguir os casos de reduplicação verdadeira, em que a parte reduplicada apresenta um conteúdo lexical independente, constituindo uma palavra da língua (por exemplo, em português brasileiro, existem as palavras *pula* e *pula-pula*) da chamada pseudo-reduplicação, na qual os elementos reduplicados só existem na forma reduplicada.

De acordo com Dubois *et alli* (1978: 503-4), a reduplicação é considerada como um sinônimo de redobro. Já para Crystal (2000: 221), a reduplicação é um “termo que, na morfologia, se refere a um processo de repetição através do qual a forma de um prefixo/sufixo reflete certas características fonológicas da raiz.” Do ponto de vista morfológico, a reduplicação consiste em um processo de afixação, sendo possível colocar a parte reduplicante antes (um prefixo), depois (um sufixo) ou no meio (infixo) da palavra-base. Sendo assim, a reduplicação possui conteúdo morfológico, podendo indicar plural, aspecto progressivo, iteratividade – tipo muito comum de reduplicação nas línguas –, entre outros, como pode ser visto nos exemplos:

- (2) a. Reduplicação (total) em indonésio (Marantz 1982; Nash 1980)

<i>kurdu</i> ‘criança’	<i>kurdukurdu</i> ‘crianças’
<i>kamina</i> ‘menina’	<i>kaminakamina</i> ‘meninas’
- b. Reduplicação (total) em português brasileiro (Araujo 2002)

<i>pegar</i>	<i>pega-pega</i> ‘conflito, briga’
<i>pular</i>	<i>pula-pula</i> ‘um certo tipo de pássaro; uma brincadeira que consiste em pular repetitivamente sobre um colchão ou coisa parecida’

Em sua análise dos casos de reduplicação em que a palavra-base é um verbo, Araujo (2002) defende que a reduplicação no português brasileiro é um processo morfológico que, na maioria dos casos, veicula a noção de iteratividade. Uma exceção seria, por exemplo, o caso de *corre-corre*, cujo sentido é de *correria*, *tumulto* (provavelmente uma intensificação) e não de repetição do ato de correr.

Do ponto de vista fonológico, a parte que se reduplica não apresenta especificação segmental, uma vez que tal especificação é copiada da palavra-base. Isso se dá porque se a parte reduplicada já fosse especificada, haveria um elemento fixo presente em toda e qualquer reduplicação, o que, de fato, não ocorre. O elemento reduplicado deve repetir necessariamente a base (ou

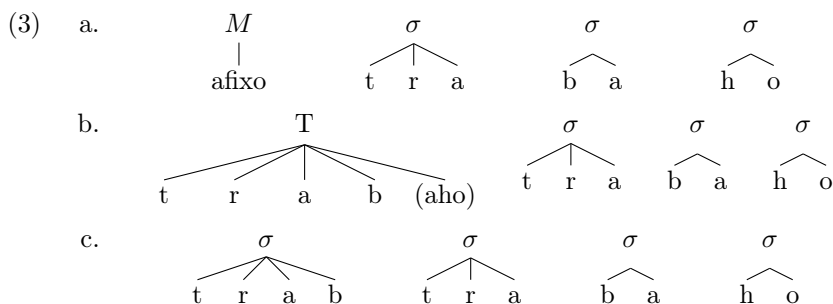
uma parte dela ou sua totalidade), havendo, assim, uma identidade fonológica entre a base e a forma reduplicada.

Um aspecto não consensual no processo de reduplicação consiste em como estabelecer a parte a ser reduplicada, havendo dois modelos que tratam do processo de reduplicação: a abordagem segmental de Marantz (1982) e a teoria dos *templates* prosódicos de McCarthy e Prince (1986), ambas discutidas em Kenstowicz (1994). A presente pesquisa, no entanto, adota a perspectiva teórica do modelo desenvolvido por McCarthy e Prince (1986).

De acordo com McCarthy e Prince (1986), haveria outro modelo, que busca resolver as lacunas apresentadas pela proposta de Marantz. De acordo com Kenstowicz (1994: 624),

McCarthy and Prince retain Marantz's basic premise that reduplication is not syllable copying but mapping the base's segmental tier (its *melody*) to a phonemically empty affix. However, the affix is not an arbitrary sequence of skeletal slots, but rather is drawn from a restricted class of prosodic categories that includes the mora, the syllable, and the metrical foot.

O processo de reduplicação, de acordo com esses autores, compreende as seguintes etapas: a) cópia de cadeia segmental (desencadeada pela afixação, representada pelo morfema M); b) mapeamento da sílaba similar à forma como a silabificação se dá sob a combinação do *template*, T, (deve-se ter em mente que a principal diferença é que o afixo é prosodicamente limitado, ao passo que a silabificação comum continua através da camada esqueletal); c) apagamento do material remanescente através do *Stray Erasure*². Esses passos são ilustrados em (3) para a forma **trab-trabaho**:



Partimos, adiante, para a análise de dados de reduplicação no papiamentu, buscando verificar qual arcabouço teórico (abordagem segmental *versus* abordagem prosódica) é o mais apropriado para explicar os padrões encontrados.

²De acordo com o *Stray Erasure*, os segmentos não silabificados são apagados.

4 Reduplicação no papiamentu

De acordo com Kouwenberg & Murray (1994), a reduplicação é um mecanismo recorrente no papiamentu, aplicando-se tanto a categorias gramaticais quanto lexicais. No plano gramatical, é possível distinguir duas funções desse processo: a) *intensificação*, tomando como input palavras de qualquer categoria lexical, como em **zeta** ‘óleo’ – **zeta zeta** ‘muito oleoso’; **kayente** ‘quente’ – **kayente kayente** ‘muito quente’; **bula** ‘saltar, pular’ – **bula bula** ‘pular de um lado para o outro o tempo todo’; b) *distributiva*, cujo input são nomes e palavras contáveis que se referem a quantidades (numerais, alguns nomes e advérbios), por exemplo, **kabes** ‘cabeça’ – **kabes kabes** ‘cabeça a cabeça/frente a frente’; **grupo** ‘grupo’ – **grupo grupo** ‘em grupos’; **tres** ‘três’ – **tres tres** ‘três por três’.

As reduplicações lexicais, por sua vez, constituem formas que podem ser relacionadas a uma base, mas desenvolveram um significado especializado. As relações semânticas que se estabelecem podem ser principalmente de dois tipos: a) a forma reduplicada se refere a uma múltipla ocorrência daquilo que é veiculado pela palavra-base (a grosso modo, o seu plural) – **strepi** ‘linha, listra’ – **strepi strepi** ‘com um design listrado (de roupa)’; b) a forma reduplicada remete a um objeto ou atividade que tem o que é descrito pela palavra-base como característica mais proeminente, como se vê em **bleki** ‘lata’ – **bleki bleki** ‘jogo em que uma lata é usada’. Como mencionado, essas relações são as principais, havendo, contudo, palavras que não se encaixam em nenhum dos dois grupos: **pushi** ‘gato’ – **pushi pushi** ‘calmamente, silenciosamente’³.

Além das funções trazidas por Kouwenberg & Murray (1994), pode-se apontar ainda uma outra (semelhante à relação semântica descrita em b)): a de *especiação*, fenômeno no qual a forma reduplicada nomeia espécies animais ou vegetais que têm como característica aquilo que é veiculado pela palavra-base. Esse é o caso, por exemplo, de **pega** ‘colar, grudar, fixar, ficar preso’ – **pega pega** ‘lagartixa’.

³Nesse caso, de alguma forma, é possível pensar em um sentido metafórico, uma vez que os gatos são animais bastante sorrateiros, se movimentando, muitas vezes, bem silenciosamente.

4.1 *Análise dos dados*

Seguindo o arcabouço teórico delineado nas seções anteriores, procede-se à análise de algumas palavras reduplicadas no papiamentu, utilizando como *corpus* dados encontrados em um dicionário bilingue Inglês/Papiamentu (RATZLAFF-HENRIQUEZ 2008). Foram considerados apenas casos de **reduplicação verdadeira** (tanto parcial quanto total), que se define pelo fato de a parte reduplicada existir como parte independente, havendo uma relação de sentido entre as partes. Isso pode ser visto em exemplos como **fine** ‘fino, magro’ – **fine fine** ‘muito fino, muito magro’; **pika** ‘picar, arder, queimar’ – **koral pika pika** ‘coral de fogo’; **lenchi** ‘caminhar de forma lenta, cambaleante (como uma criança dando seus primeiros passos)’ – **lenchi lenchi** ‘lento, lerdo, vagaroso’, entre outros.

A reduplicação verdadeira se distingue da *pseudo-reduplicação*, na qual as partes só existem na forma reduplicada. Já que não se tem a palavra na sua forma simples, isto é, não reduplicada, não faz sentido considerar a ocorrência de um processo reduplicativo (lembrando que a reduplicação possui uma função morfológica). Sendo assim, esse caso de reduplicação não foi objeto de análise, como por exemplo:

(4) **blabla/blèblè** ‘balbuciar’

bògi-bògi ‘tipo de sorvete de leite (em Curaçao)/palavra de carinho (em Aruba)’

djipopo ‘cogumelo’

guigui ‘barco inflável’

Com relação ao fato de a forma reduplicada existir ou não na forma simples, deve-se mencionar a oposição entre relações *transparentes* e *opacas*. Nas relações transparentes, é possível perceber claramente a ligação de sentido entre a forma reduplicada e a palavra simples, como se vê em **blou** ‘azul’ – **bloublou** ‘lagarto de rabo/cauda azul’ ou em **skur** ‘escuro’ – **skur skur** ‘muito escuro/escuro como breu’. Nas relações opacas, por seu turno, não é possível mapear a parte que deu origem à palavra reduplicada. Por exemplo, na palavra **bululú** ‘confusão, alvoroço’, não é possível saber se a forma simples (se é que ela de fato existiu) era **bulu** ou **lulu**, uma vez que, no papiamentu atual, nenhuma das duas palavras existem; já na palavra **pèchèpèchè** ‘lamarca, imundo, empapado’, não se sabe se existiu a forma simples **pèchè**, talvez com o significado de ‘lama, sujeira’, sendo a reduplicação responsável por alterar a classe gramatical de substantivo para adjetivo. Desse modo, o estabelecimento das palavras simples poderia ser possível apenas através de

um estudo diacrônico, permitindo que tais formas e, por conseguinte, a função do processo reduplicativo fossem recuperados.

Quanto ao mapeamento da reduplicação, isto é, a definição se o que é copiado é o *template* CV (proposta de Marantz) ou o *template* prosódico, pode-se defender que o papiamentu faz uso da segunda estratégia. Não se trata de uma simples cópia de constituintes, em que apenas os elementos segmentais são copiados (um por um), mas as características prosódicas (mora, sílaba, pé, palavra fonológica) também se reduplicam. Tal postura pode ser sustentada pelo fato de não se ter uma única forma invariante que possa ser reduplicada, como pode ser observado em (5).

- (5) a. CV.CV: **kara** ‘cara, face, semblante’ – **kara kara** ‘cara a cara’
- b. V.CV.CV: **asina** ‘muito, extremamente’ – **asina-asina** ‘mais ou menos’
- c. CVV: **mei** ‘meio’ – **meimei** ‘exatamente no meio’
- d. CCVV: **blou** ‘azul’ – **bloublou** ‘lagarto de rabo/cauda azul’
- e. VVC: **yen** ‘cheio’ – **yen yen** ‘muito cheio’
- f. CVC: **zut** ‘doce’ – **zutzut** ‘muito doce’
- g. CVC.CV: **pertá** ‘apertado, justo’ – **pertá pertá** ‘muito apertado, muito justo’
- h. CCVC: **skur** ‘escuro’ – **skur skur** ‘muito escuro/escuro como breu’

Entre os dados, foi encontrado apenas um exemplo que poderia ser considerado uma reduplicação parcial: **áктоáктоприму/а** ‘prima/o em terceiro grau’, no qual a sequência inicial VCCV **áкто-** é reduplicada. Existem na língua as palavras **примо/у** ‘primo’ e **áктоприма/áктуприму** ‘prima/primo de segundo grau’ e a reduplicação se aplica à segunda, ampliando seu sentido. Na verdade, é possível considerar, contudo, que, provavelmente, esse não seria um caso real de reduplicação, mas sim de uso recursivo do prefixo **áкто-** com cada ocorrência indicando um maior afastamento no grau de parentesco.

No que concerne às funções do mecanismo de reduplicação, a intensificadora se fez presente em muitas palavras analisadas (Tabela 1).

Foram encontrados também casos de reduplicação de categorias lexicais. Em um deles a palavra reduplicada veicula o sentido de ocorrência múltipla da entidade descrita pela forma simples: **pida** ‘pedaço, partícula’ – **pida pida** ‘fragmentado, em pedaços’. Houve também casos de *especação*, nos quais a característica mais proeminente da palavra-base é bastante visível em um

PALAVRA-BASE	PALAVRA REDUPLICADA
ariba ‘em, sobre’	arib’ariba/aribariba ‘superficial, na superfície’
fini ‘fino, magro’	finifini ‘muito fino, muito magro’
flèngu ‘magro’	flèngue-flèngue ‘muito magro’
hechu ‘maduro’	hechu hechu ‘muito maduro’
ketu ‘quieto’	ketu ketu ‘muito quieto’
lihé ‘rápido, ligeiro, veloz’	lihé-lihé ‘muito rápido, muito ligeiro, muito veloz’

Tabela 1: Reduplicação: função intensificadora.

PALAVRA-BASE	PALAVRA REDUPLICADA
blou ‘azul’	bloublou/blòblò ⁶ ‘lagarto de rabo/cauda azul’
pega ‘colar, grudar, fixar, ficar preso’	pegapega ‘lagartixa’
pika ‘picar, arder, queimar’	koral pika pika ‘coral de fogo’

Tabela 2: Reduplicação: função especiação.

animal ou vegetal, sendo a reduplicação usada para se referir à espécie (Tabela 2).

Através do processo de *especiação*, um lagarto, por exemplo, tem seu nome formado a partir da reduplicação da palavra azul (**blou**), já que possui o rabo azul; do mesmo modo, para nomear lagartixa (**pegapega**), o papiamentu recorre à reduplicação da característica de se prender, fixar (**pega**) em paredes. É interessante salientar que há casos de pseudo-reduplicação (tanto parcial quanto total) que também se referem a animais ou vegetais (Tabela 3), o que sugere que a repetição de palavras é uma estratégia eficiente para nomear espécies.

Considerando esses casos de pseudo-reduplicação que apresentam função de especiação, pode-se conjecturar que o processo de reduplicar palavras já existentes para dar nome a espécies tenha sido bastante relevante em algum

⁶**Blòblò** pode ser resultado da monotongação de **-ou**.

PSEUDO-REDUPLICAÇÃO	SIGNIFICADO	NOME CIENTÍFICO
caw-caw (em Bonaire)	garça estriada, garça verde	<i>Butorides striata</i> , <i>Butorides virescens</i>
chibichibi	cambacica, pássaro-banana, <i>sugar bird</i>	<i>Coereba flaveola</i> , <i>Icterus leucopteryx</i> , <i>Promerops cafer</i>
chimichimi	papoula mexicana	<i>Argemone Mexicana</i>
chògògò (em Aruba)	flamingo	Há várias espécies

Tabela 3: Pseudo-reduplicação.

momento da história da língua. Hoje, no entanto, a relação entre a palavra-base e a forma reduplicada é opaca, não sendo mais possível estabelecer a forma simples.

Na Tabela 4, demonstramos também um processo semelhante à especiação: uma palavra-base, ao ser reduplicada, dá origem a um adjetivo, mantendo a característica semântica proeminente (em **frio/u** ‘frio, frígido’ – **frio frio** ‘gelo esmagado/batido com sabor – raspadinha’, a mudança gramatical se dá de adjetivo para substantivo).

PALAVRA-BASE	PALAVRA REDUPLICADA
lenchi ‘caminhar de forma lenta, cambaleante (como uma criança dando seus primeiros passos)’	lenchi-lenchi ‘lento, lerdo, vagaroso’
mèlè ‘tornar-se aderente, pegajoso, bajulador’	mèlèmèlè ‘aderente, pegajoso, bajulador’

Tabela 4: Reduplicação: mudança de classe.

5 Considerações finais

A partir da análise empreendida, foi possível perceber que o papiamentu faz uso recorrente do mecanismo de reduplicação para veicular novas informações. Contrário ao que se esperava, a função iterativa/repetitiva, característica do português brasileiro (cf. Araujo 2002), não se mostrou presente na reduplicação em papiamentu, sendo expressivas as funções de intensificação e de especiação.

Essa última também se mostrou presente em pseudo-reduplicações, sugerindo que a repetição de formas é um importante mecanismo para nomear espécies animais e vegetais.

Quanto ao tipo de reduplicação, a maioria dos casos foi de reduplicação total (houve apenas um exemplo de reduplicação parcial), demonstrando de forma clara a característica da identidade segmental e prosódica entre o reduplicante e a base. Além disso, não foi encontrada uma única forma invariante para a realização de tal processo, por exemplo, repetir apenas o padrão CVC ou CVCC, havendo casos em que se reduplicou cinco fonemas. Tal fato mostra que, para explicar os dados do papiamentu, a proposta de McCarthy & Prince (1986) é mais adequada, em detrimento da abordagem de Marantz (1982). Sendo assim, não se tem uma simples cópia de elementos um a um, mas uma reduplicação não só do elemento em si, mas de suas características prosódicas (mora, sílaba, pé, palavra fonológica).

Deve-se mencionar que, como todo estudo, este também deixou algumas questões em aberto. Um desdobramento interessante seria analisar os dados do papiamentu à luz da Teoria da Correspondência, buscando estabelecer como as diferentes restrições estão hierarquizadas no tocante à reduplicação. De todo modo, esta análise, ainda que geral, cumpre seu papel de mapear as características da reduplicação em papiamentu, consciente de que trabalhos futuros permitirão ampliar as questões trazidas aqui, traduzindo-se em um maior conhecimento sobre a língua.

Referências

- Araujo, Gabriel Antunes de. 2002. Truncamento e Reduplicação no Português Brasileiro. *Revista de Estudos da Linguagem* 10(1): 61-90.
- Crystal, David. 2000. *Dicionário de linguística e fonética*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- Dubois, Jean *et alli*. 1978. *Dicionário de Linguística*. São Paulo: Cultrix.
- Goodman, Morris. 1987. The Portuguese element in the American creoles. In: Gilbert, Glenn (ed.). *Pidgin and creole languages: Essays in memory of John E. Reinecke*. Honolulu: University of Hawai'i Press. p. 361-405.
- Holm, John. 2000. *An Introduction to Pidgins and Creoles*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Hurch, Benhard. 2005. *Studies on Reduplication*. Berlin: Mouton de Gruyter.
- Kager, Rene. 1999. *Optimality Theory*. Cambridge: Cambridge University Press.

Kenstowicz, Michael. 1994. *Phonology in Generative Grammar*. Oxford: Blackwell.

Kouwenberg, Silvia. 2003. *Twice as meaninful. Reduplications in Pidgins, Creoles and other Contact Languages*. London: Battlebridge.

Kouwenberg, Silvia & Murray, Eric. 1994. *Papiamentu*. München [i.e.] Unterschleissheim; Newcastle: Lincom Europa.

Lenz, Rodolfo. 1928. *El Papiamentu: la lengua criolla de Curazao*. Santiago de Chile: Balcels & Cia.

McCarthy, John J. & Prince, Alan S. 1986. *Prosodic Morfology*. Technical Report 32, Rutgers University Center for Cognitive Science.

McWhorter, John. 1995. The scarcity of Spanish-based creoles explained. *Language in society* 24: 213-44.

Maduro, Antoine J. 1966. *Procedencia di palabranan Papiamentu i otro anotacionnan*. Curaçao: privately printed.

Marantz, Alec. 1982. Re reduplication. *Linguistic Inquiry* 13(3) :435-82.

Martinus, Frank. 1996. *The kiss of a slave: Papiamentu's West-African connections*. Amsterdam: Universiteit van Amsterdam.

Maurer, Philippe. 1986. El origen del Papiamento (desde el punto de vista de sus tiempos gramaticales). *Nue Romania* 4: 129-49.

Munteanu, Dan. 1996. *El papiamentu, lengua criolla hispánica*. Madrid: Gredo.

Nash, D. 1980. Topics in Warlpiri Grammar. Doctoral dissertation, MIT, Cambridge, Massachusetts.

Prince, Alan & Smolensky, Paul. 1993. *Optimality Theory: Constraint Interaction in Generative Grammar*, Technical Report 2, Center for Cognitive Science, Rutgers University.

Ratzlaff-Henriquez, Betty. 2008. *Papiamentu/English Dikshionario Bilingual – English/ Papiamentu Bilingual Dictionary*. 2 ed. Bonaire, Netherlands Antilles: Stichting Jeugdwerk Jong Bonaire.

Smith, Norval. 1987. The genesis of the creole languages of Surinam. Unpublished dissertation, University of Amsterdam.

Smith, Norval. 1999. Pernambuco to Surinam 1654-65? The Jewish slave controversy. In: Huber, Magnus & Parkvall, Mikael. *Spreading the word: the issue of diffusion among Atlantic creoles*, 251-98. London: University of Westminster Press.

Recebido em: 04/10/2011

Aceito em: 26/01/2012
